Luz, câmera e... música:
Ensino de música em diálogo com outras artes

Simone Marques Braga
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
https://orcid.org/0000-0002-0264-9036
ssmmbraga@uefs.br

Recebido em: 31/08/2025
Aprovado em: 11/11/2025
dx.doi.org/10.33054/MEB141705



Resumo

Este artigo apresenta uma proposta pedagógica para o componente curricular arte, fundamentada em uma abordagem que promove o ensino de música em diálogo com outras linguagens artísticas. A perspectiva defendida afasta-se da polivalência e busca inspiração em referenciais da educação musical (Schafer, 1991, 2002; Orff; Keetman, 1950-1954; Jaques-Dalcroze, 1930; Faria, 2009, 2021), nos estudos da infância (Sarmento, 2004; Kramer, 2003; Corsaro, 2011) e em concepções de multimodalidade e corporeidade (Laban, 1978). Também se ancora em documentos oficiais como a BNCC, que reconhece a unidade temática artes integradas. As atividades de sonoplastia de cena fílmica e sonorização de imagem ilustram como a articulação entre música, cinema, artes visuais, teatro e dança pode favorecer vivências musicais ampliadas, valorização da diversidade discente e experiências estéticas criativas e inclusivas.

Palavras-chave: Diálogo entre artes. Diversidade discente. Vivência musical significativa.

Lights, camera, and... music: teaching music in dialogue with other arts

Abstract

This article presents a pedagogical proposal for the art curricular component, grounded in an approach that promotes music education in dialogue with other artistic languages. The perspective adopted distances itself from polyvalence and draws on references in music education (Schafer, 1991, 2002; Orff & Keetman, 1950-1954; Jaques-Dalcroze, 1930; Faria, 2009, 2021), childhood studies (Sarmento, 2004; Kramer, 2003; Corsaro, 2011), and frameworks of multimodality and corporeality (Laban, 1978). It is also supported by official documents such as the BNCC, which legitimizes the thematic unit integrated arts. The activities of film scene sound design and image sonorization exemplify how articulating music with cinema, visual arts, theater, and dance can foster broader musical experiences, recognition of student diversity, and creative and inclusive aesthetic practices.

Keywords: *Traditional Stories. Music and Movement. Early Childhood Education.*

BRAGA, Simone Marques. Luz, câmera e… música: Ensino de música em diálogo com outras artes. Revista Música na Educação Básica, v. 14, n. 17, e141705, 2025.

Introdução

Propor o ensino de música em diálogo com outras artes se distancia da chamada "polivalência do ensino de arte", preconizada a partir da Lei nº 5.692/1971 (Brasil, 1971). Historicamente, a noção de polivalência esteve vinculada às políticas educacionais brasileiras das décadas de 1970 e 1980, quando professores de arte eram formados para lecionar, de modo genérico, conteúdos de música, artes visuais, teatro e dança, muitas vezes sem a devida profundidade em cada área. Tal modelo foi amplamente criticado por reduzir a especificidade de cada linguagem artística e por desconsiderar a formação identitária dos professores. Diferentemente disso, propor o diálogo entre música e outras artes não significa retomar a polivalência, mas assumir uma perspectiva pedagógica que reconhece a especificidade de cada arte e busca pontos de encontro intencionais, planejados e fundamentados. Assim, a presente proposta parte de discussões presentes na legislação educacional brasileira e em documentos oficiais, além de considerações de autores da área e da minha vivência como professora de arte/música na Educação Básica.



O que dizem a legislação e os documentos formativos oficiais?

A legislação educacional brasileira e os documentos normativos oferecem fundamentos para pensar a integração da música com outras artes no contexto escolar. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) — Lei nº 9.394/1996 — estabelece o ensino de arte como obrigatório na educação básica, garantindo

a formação cultural dos estudantes. Em 2016, a Lei nº 13.278/2016 atualizou a LDB para assegurar que o ensino contemplasse, ao menos, artes visuais, dança, música e teatro, evitando visões reducionistas e reforçando a necessidade de práticas que reconheçam a especificidade de cada linguagem, mas também abram espaço para experiências de integração.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017/2018) reforça esse direcionamento ao organizar o componente arte em cinco unidades temáticas: artes visuais, dança, música, teatro e artes integradas. Esta última evidencia o diálogo entre linguagens, concebida para que os alunos explorem relações entre corporalidades, visualidades, musicalidades, espacialidades e teatralidades em propostas conjuntas. As Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 também reforçam essa perspectiva ao exigir o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, cujas expressões artísticas se caracterizam pela hibridez entre oralidade, música, dança, teatro e artes visuais.

Contocani (2018) aponta como desafio para o professor contemplar, nas aulas, todas as dimensões, competências, habilidades e objetos de conhecimento de forma equilibrada. Possivelmente, a raiz desse desafio decorre da forma descontextualizada como a unidade artes integradas é apresentada. Faria (2021) alerta que isso pode induzir à ideia equivocada de que um único docente deva contemplar todas as linguagens de modo homogêneo, o que reabre espaço para a polivalência. Nesse sentido, Oliveira e Penna (2019) assinalam que as artes integradas podem representar tanto uma atualização em diálogo com propostas contemporâneas e tecnologias quanto uma porta de entrada para a polivalência nas escolas.

Faria (2021) conceitua as artes integradas como abordagem metodológica que promove processos criativos e conhecimentos entre a arte e outras áreas, de forma equitativa. Nessa perspectiva, o ensino de música pode

ampliar sua presença no contexto escolar, favorecendo vivências variadas e a construção de saberes musicais integrados. É nessa direção que este artigo propõe atividades pedagógicas musicais em diálogo com outras linguagens, priorizando um trabalho conduzido pelo próprio professor de música, mas sem excluir colaborações interdisciplinares, de modo a ampliar experiências e fortalecer aprendizagens estéticas e culturais dos estudantes.

Você sabia?

Que um dos centros da proposta do canadense Murray Schafer, consistia em buscar um ponto de união entre as artes? O educador musical propôs um gênero artístico denominado por Teatro de Confluência.



Figura 1: Teatro
Fonte: https: //pixabay.com

E os educadores musicais? O que dizem?

Para Schafer (1991), a música deve dialogar de forma equitativa com outras linguagens artísticas, rompendo barreiras disciplinares e proporcionando experiências estéticas integradas — perspectiva formulada no âmbito do seu Teatro de Confluência. Nesse conceito, música, teatro, dança, literatura e artes visuais coexistem em igual importância, formando um espaço de experimentação e integração criativa (Schafer, 1991; 2002). Essa visão inspirou práticas que rompem a fragmentação do ensino de arte, favorecendo experiências amplas e colaborativas; vale lembrar que antes de Schafer, educadores como Émile Jaques-Dalcroze já articulavam corpo, movimento e música na rítmica (Jaques-Dalcroze, 1930), e Carl Orff propôs o Schulwerk, no qual teatro, música e expressão corporal se entrelaçam em atividades coletivas e criativas (Orff; Keetman, 1950-1954).

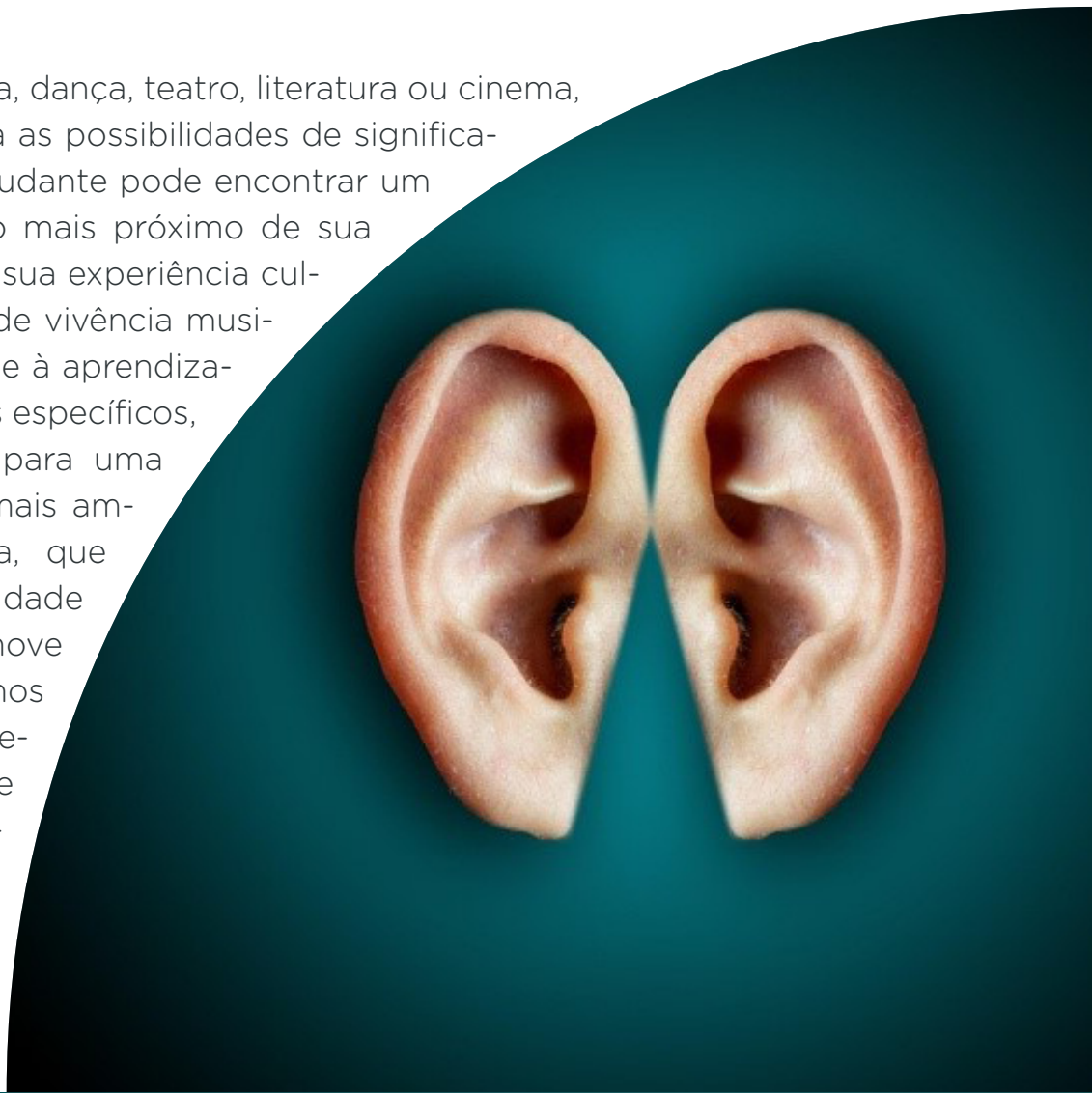
No campo específico da educação musical, pesquisas têm apontado que compreender a criança em sua inteireza — reconhecendo-a como sujeito de múltiplas linguagens (gesto, jogo, imaginação, performance) — exige propostas pedagógicas que favoreçam o diálogo da música com outras artes. Nesse sentido, apoiamo-nos em referenciais de multimodalidade e corporeidade, que reconhecem a construção de sentido por múltiplos modos (som, imagem, movimento) e pelo corpo em ação — dimensões centrais quando articulamos música, cinema, artes visuais e dança (Laban, 1978). Em diálogo com os estudos da infância (Sarmento, 2004; Kramer, 2003; Corsaro, 2011), deve-se valorizar as múltiplas linguagens das crianças e jovens — jogo, gesto, imaginação, performance — como vias legítimas de conhecimento artístico.

Nesse percurso, é importante reconhecer que as propostas em diálogo entre música e outras artes não se sustentam apenas em perspectivas metodológicas específicas da educação musical. Elas também encontram

apoio em bases mais amplas da filosofia da educação, como as de Freire (1987), que entende o processo educativo como prática de liberdade e problematização da realidade, e Bakhtin (1992), que enfatiza a dimensão dialógica da linguagem e das práticas culturais.

Outro aspecto relevante é que ao contemplar a música em diálogo com a dança, cinema, literatura e/ou outras artes, pode-se ampliar o olhar pedagógico e favorecer o reconhecimento da heterogeneidade discente. Enquanto professora atuante na Educação Básica, pude constatar que a heterogeneidade é uma marca constante da sala de aula: estudantes aprendem de modos distintos, trazem bagagens culturais variadas e respondem de forma singular às propostas pedagógicas. Diante desse cenário, o ensino de música em diálogo com outras artes revela-se uma abordagem catalisadora, capaz de acolher diferentes formas de aprender e de se expressar.

Ao articular música, dança, teatro, literatura ou cinema, o professor amplia as possibilidades de significação, pois cada estudante pode encontrar um ponto de conexão mais próximo de sua sensibilidade e de sua experiência cultural. A proposta de vivência musical não se restringe à aprendizagem de conteúdos específicos, mas se expande para uma vivência musical mais ampla e significativa, que valoriza a diversidade dos sujeitos, promove múltiplos caminhos de acesso ao conhecimento e favorece um ambiente inclusivo e criativo.



Escuta ampliada: conhecer para propor

Em síntese, entendemos o diálogo entre artes como abordagem catalisadora: articula linguagens por convergências conceituais e procedimentais, organiza sequências didáticas (exploração–criação–apresentação–reflexão–revisão) e opera com critérios observáveis (coerência som-imagem-movimento, justificativa de escolhas, colaboração e transferência). Diferencia-se da polivalência porque não exige domínio técnico pleno de todas as linguagens por um único docente; requer intencionalidade pedagógica, mediações claras e avaliação formativa — princípios que orientam e justificam as atividades propostas neste artigo.



Figura 2: Janela Aberta
Fonte: https: //pixabay.com

Para que o ensino de música em diálogo com outras artes se realize com qualidade, é essencial que o(a) professor(a) de música mantenha uma postura aberta para conhecer e aproximar-se de outras linguagens — cinema, teatro, artes visuais e dança. Essa abertura não implica polivalência, mas sim curadoria informada, disposição para aprender continuamente, trocar com pares de outras áreas e experimentar estratégias que evidenciem convergências. Ao ampliar seu repertório e

sua compreensão de conceitos básicos de cada linguagem, o(a) docente adquire ferramentas de mediação para planejar sequências integradas, formular critérios de qualidade (coerência som–imagem–movimento e justificativa de escolhas) e criar experiências estéticas significativas e inclusivas.

No intuito de favorecer a expansão do conhecimento de outras áreas artísticas, sugerimos a apreciação de alguns vídeos.

Para ver e ouvir:

Sugestões para a apreciação de materiais audiovisuais, disponíveis na plataforma YouTube, pelos títulos indicados abaixo, para expandir conhecimento de outras áreas artísticas:

1. Cinema:
Hitchcock e o Efeito Kulechov
The Secret World of Foley

2. Dança:
Elementos da Dança: movimento, espaço e tempo

3. Artes Visuais:
"Loving Vincent": a animação sobre a vida de Van Gogh
Com Amor, Van Gogh

4. Teatro:
Jogos Teatrais — Jogos de Criação de Cena

5. Animação:
Websérie "Bemol Saltitante: um ratinho ao piano"

6. O diálogo entre artes:
Mesa Redonda O ensino de música na escola em diálogo com outras artes
Canal Circularte Educação
Websérie Olhares Pedagógicos de Professores de Arte



Figura 3: Plataforma YouTube
Fonte: https: //pixabay.com

Sugestão de atividades pedagógico musicais em diálogo com outras artes

As propostas aqui descritas dialogam com conceitos consolidados na educação musical e nos estudos do som, especialmente a paisagem sonora (soundscape) e a composição de paisagem sonora.

Para o planejamento das atividades, foram consideradas algumas questões: 1) Seleção da (s) área (s) artística parceira (s); 2) Escolha de uma temática que favoreça o diálogo entre as áreas; 3) Identificação de conteúdo; 4) Levantamento dos recursos disponíveis; 5) Proposição de ações pedagógicas para serem desenvolvidas em uma aula ou em um bloco de aulas. Em ambas as atividades são apresentados os seguintes itens: descrição, recursos, artes envolvidas, objetivos, conteúdos contemplados e informações complementares. Os objetivos foram elaborados com base em habilidades extraídas da BNCC — Arte, de modo a facilitar, junto aos estudantes, a identificação tanto de conteúdos quanto de habilidades desenvolvidas.

As atividades podem ser realizadas em uma única aula ou em um bloco de aulas, e aplicadas em qualquer ordem, tanto em aulas de Arte/Música do 9º ano do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio, sendo necessária apenas a adequação da linguagem e dos recursos utilizados pelo(a) docente à série escolhida.

Você sabia?

Que o filme The Matrix se tornou um ícone dentro do mundo cyberpunk, que é um subgênero de ficção científica, caracterizado pelos avanços tecnológicos? Lançado em 1999, foi dirigido pelas irmãs Lilly e Lana Wachowski.

No filme The Matrix (1999), a classificação indicativa estabelecida no Brasil é de 14 anos, o que implica sua utilização em contexto escolar deve ser direcionada especialmente para turmas do Ensino Fundamental II (a partir do 9º ano) e do Ensino Médio (Brasil, 2025).

Atividade 1 — Você é o sonoplasta da vez!

A proposta envolve a abordagem de conteúdos relacionados à trilha sonora e à trilha musical. Além dos parâmetros sonoros tradicionais (altura, duração, timbre e intensidade), pode-se explorar com os estudantes a função da música na narrativa fílmica. A trilha pode marcar a entrada de personagens, criar atmosferas emocionais, intensificar momentos de suspense ou indicar a passagem do tempo. Compreender tais funções amplia a percepção estética e favorece uma abordagem interdisciplinar que vai além da técnica musical.

A sonorização de cenas fílmicas ganha sustentação teórica ao reconhecer que o som não apenas acompanha, mas transforma a imagem. Michel Chion (1993) define esse fenômeno como "valor acrescentado", explicando de que modo o áudio transforma a percepção visual e constrói sentido. De forma complementar, Alejandro Román (2008) evidencia que a música no cinema exerce função narrativa, alterando o ritmo, a emoção e o significado da cena. Dessa forma, a prática proposta articula criação artística e fundamentação conceitual.

Figura 5: Gravação Cinema
Fonte: https: //pixabay.com



Atividade 1: Você é o sonoplasta da vez!

Tema	Sonorização de cenas fílmicas
Descrição	1) Dividir a turma em grupos (máx. 6 alunos) para assistir, sem áudio, a uma sequência do filme The Matrix. Durante a apreciação, mediar reflexões: Que elementos sonoros deveriam estar presentes nesta cena (fala dos personagens, sons de ambiente, ruídos de objetos, passos, efeitos especiais, trilha musical etc.)? Quais desses sons são essenciais para a compreensão da ação? Em que ordem ou momento da cena cada um desses sons deveria ocorrer? Como esses elementos são chamados tecnicamente (trilha sonora, trilha musical, efeitos sonoros, etc.) 2) Dialogar sobre as questões levantadas e discutir os conceitos de Trilha Sonora, Trilha Musical e Sonoplastia. 3) Propor que cada grupo assista novamente à cena e crie uma sonoplastia. 4) Gravar separadamente o áudio produzido (pelo celular) 5) Reunir a turma e repetir a cena com os áudios de cada grupo. Os estudantes devem identificar os autores, comentar sobre os resultados e escolher a sonoplastia mais apreciada. 6) Questionar se os áudios estavam sincronizados, introduzindo conceitos de edição, mixagem e montagem. 7) Com a sonoplastia selecionada, discutir as fontes sonoras e classificar sons quanto à altura, timbre, intensidade e duração (apresentar os conceitos, se necessário). 8) Exibir a cena com o áudio original. 9) Propor que a turma ouça apenas os áudios produzidos, de olhos fechados, imaginando uma nova cena. Em seguida, cada grupo encena a sequência sonora criada, explicando suas escolhas e movimentos.
Recursos	Data-show ou TV, celular e sequência do filme Matrix

Artes envolvidas	Música, cinema e teatro
Objetivos	Desenvolver criação musical por meio da sonoplastia; introduzir conceitos de edição, mixagem e montagem; identificar parâmetros musicais (altura, timbre, intensidade e duração); estimular a escuta crítica; experimentar gestualidade e construções cênicas; compor improvisações com base em estímulos diversos (música, imagens, objetos etc.), caracterizando personagens, cenário e sonoplastia.
Conteúdos contemplados	Música: Parâmetros Musicais (altura, timbre, intensidade e duração); Cinema: Trilha Sonora e trilha musical; Sonoplastia; Edição; Montagem; Mixagem de som Cinema: Trilha Sonora e trilha musical; Sonoplastia; Edição; Montagem; Mixagem de som Teatro: Improvisação Teatral e Caracterização de Personagens
Informações complementares	A cena do filme The Matrix foi extraída na plataforma YouTube: "Importância da trilha sonora na cena — MATRIX"

Em relação aos conteúdos de cinema, seguem algumas definições-relâmpagos, com o intuito de orientar o(a) professor(a):

1. **Trilha sonora:** conjunto de elementos sonoros do filme (música, diálogos, ruídos); trilha musical: apenas a música usada no filme.
2. **Sonoplastia:** criação e organização de efeitos e ambiências sonoras para a cena (teatro, rádio ou produções audiovisuais).
3. **Edição de som:** seleção, cortes e montagem temporal dos sons (diálogo, efeitos e música).



4. **Mixagem:** balanceamento, panorâmica, dinâmica e espacialização dos sons no produto final.
5. **Montagem (edição de imagem):** ordenação dos planos que constrói relações de sentido (ex.: Efeito Kulechov apresentado no item 1, na sessão Pra ver e ouvir).

Definições-relâmpagos para os conteúdos de teatro:

1. **Improvisação teatral:** criação em cena sem texto fixo, guiada por jogos, regras e foco de atenção; desenvolve disponibilidade, escuta e relação com o(a) parceiro(a).
2. **Personagem e caracterização:** objetivo e ações do(a) ator(atriz) (corpo e voz) articulados a figurino e adereços, compondo signos de personagem.

Leituras de apoio:

1. Que aprendizagens musicais promove o cinema? (Domingues, 2015).
2. Trilha sonora e sonoplastia: do cinema à aula de música (Silva, 2014).

Atividade 2 — Qual o som desta imagem?

No caso das artes visuais, conceitos como ponto, linha, forma, direção, cor e tom orientam a análise estética. Já na dança, aspectos como planos, tempo, peso, fluência e espaço constituem categorias importantes para pensar a interação entre movimento e som.

Atividade 2: Qual o som desta imagem?	
Tema	Sonorização de imagens
Descrição	1) Apresentar a obra Operários de Tarsila do Amaral e lançar questões: o que a imagem mostra? Quem são as pessoas? Que sentimentos expressam? Que sons poderiam existir nesse ambiente? 2) Em grupos, os estudantes devem imaginar e criar uma sequência de sons para a imagem, gravando-os em celular. 3) Armazenar os áudios para posterior edição junto à imagem, utilizando programas acessíveis como InShot, CapCut, VN ou editores gratuitos de desktop (Shotcut, OpenShot, DaVinci Resolve). Para tratamento prévio do áudio, pode-se usar o Audacity. Exportar preferencialmente em .mp4. 4) Apresentar a artista Tarsila do Amaral, algumas de suas obras e o contexto do Modernismo e da Semana de Arte Moderna. 5) Exibir as edições finais para a turma identificar e classificar os sons quanto à altura, intensidade e duração. 6) Cada grupo deve criar grafias alternativas para os sons registrados, fixando-as em papel. 7) O professor seleciona uma sonorização, fixa as grafias no quadro e promove a identificação dos sons correspondentes, discutindo a função e relação do registro alternativo.

	8) Em seguida, apresentar uma partitura musical, comentando sobre sua função como registro escrito da produção sonora e explicando alguns símbolos. 9) Finalmente, propor que cada grupo acrescente à edição da imagem uma dança, explorando movimentos nos planos baixo, médio e alto. O professor deve explicar os conceitos e exibir vídeos exemplificativos.
Recursos	Datashow ou TV, papel, lápis ou lápis de cor, celular e programa de edição de vídeo
Artes envolvidas	Música, dança e artes visuais
Objetivos	Explorar parâmetros musicais e diferentes sonoridades; experimentar formas de registro musical (alternativo e convencional); pesquisar e analisar a obra de Tarsila do Amaral e o Modernismo; experimentar fatores de movimento (tempo, peso, fluência e espaço) na dança.
Conteúdos contemplados	Música: Parâmetros Musicais; Sequência Sonora; Sonorização; Registro Escrito Musical (partitura alternativa e convencional); Artes Visuais: Alguns elementos presentes na obra visual (ponto, linha e forma), Tarsila do Amaral, Semana de Arte Moderna, obra Operários; Dança: planos baixo, médio e alto (níveis corporais).
Informações complementares	1) Em relação a edição da imagem com o áudio sugerimos a utilização do programa InShot pela facilidade de manuseio e também por ser um programa específico para celular, fácil de baixar, inclusive a versão gratuita; 2) Para além do uso do celular, através de outros dispositivos, sugerimos aplicativos gratuitos e/ou de baixo custo como BandLab, FL Studio, GarageBand (para usuários de iOS), Luna e Reaper; 3) Como complementação da atividade, sugerimos a proposição da releitura da obra Operários a partir do contexto social atual, acompanhada de uma nova trilha musical.

Definições-relâmpagos para os conteúdos de artes visuais:

1. **Ponto:** unidade mínima do campo visual; sugere posição, início, encerramento e foco de atenção. Base para estruturas mais complexas.
2. **Linha:** trajetória do ponto em movimento; organiza contorno, direção, ritmo, estrutura do desenho e ou da composição.
3. **Forma:** configuração resultante da articulação de linhas e planos; pode ser geométrica ou orgânica, bidimensional ou sugerir volume.
4. **Tarsila do Amaral:** pintora modernista brasileira que integrou o grupo de 1922 e desenvolveu fases como Pau-Brasil e Antropofagia.
5. **Semana de Arte Moderna (1922):** marco do modernismo no Brasil, realizada no Theatro Municipal de São Paulo, reunindo múltiplas linguagens e propostas de renovação estética.
6. **Obra Operários (1933):** óleo sobre tela que sintetiza industrialização e diversidade dos trabalhadores; pertence ao Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo de São Paulo.

Definições-relâmpagos para os conteúdos de dança:

7. **Planos ou níveis do movimento** (baixo, médio e alto): organização espacial proposta por Rudolf Laban (1879–1958) — coreógrafo e teórico do movimento que sistematizou a Análise do Movimento (fatores tempo, peso, espaço e fluência) e desenvolveu a Kinetografia Laban (Labanotation). O nível baixo aproxima o corpo do solo (peso, apoio, estabilidade), o nível médio corresponde à zona da ação cotidiana (deslocamentos, gestos usuais) e o nível alto enfatiza elevação, alcance e projeção; trabalhar

esses níveis em composição e improvisação ajuda a relacionar gesto, imagem e som nas atividades propostas.

Leituras de apoio:

1. Dança, Música, Artes Visuais e Teatro: reflexões sobre as práticas pedagógicas em sala de aula e o professor propositor (Ulrich; Rhoden; Schöellkopf, 2014).

2. Os professores de Artes e o ensino da musicalidade (Morantt; Gumbowsky, 2021).

Contemplar artistas brasileiros nessa abordagem torna as aprendizagens mais situadas e socialmente significativas: aproxima os conteúdos da realidade dos(as) estudantes, valoriza repertórios locais e dá visibilidade à diversidade regional, afro-brasileira e indígena, em sintonia com a BNCC e com os marcos legais que preconizam a presença dessas culturas na escola (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008) -, além de fortalecer o pertencimento cultural.

Figura 6: Operários de Tarsila do Amaral
Fonte: https: //pixabay.com

Você sabia?

Que a obra Operários de Tarsila do Amaral retrata cinquenta e um operários da indústria, com o objetivo de simbolizar a exploração do povo trabalhador e a diversidade étnica que compõe a sociedade brasileira? Pintada em 1933, a obra faz parte do Acervo do Governo do Estado de São Paulo, exposta no Palácio Boa Vista.



Considerações finais

Este artigo defendeu que o ensino de música em diálogo com outras artes configura uma abordagem pedagógica intencional e distinta da polivalência, ao propor situações integradas de aprendizagem em que diferentes linguagens se articulam por meio de problemas comuns, procedimentos compartilhados e critérios convergentes de criação e apreciação.

As reflexões indicam que esse diálogo contribui para a formação de sujeitos críticos, criativos e socialmente situados, ampliando a vivência musical em suas dimensões cognitivas, estéticas, socioculturais e metacognitivas. As atividades de sonoplastia e sonorização exemplificam como a prática interartes pode estimular a reflexão, a colaboração e a transferência de aprendizagens, com critérios claros que fortalecem a avaliação formativa.

A efetivação dessa perspectiva requer planejamento em sequências didáticas, tempos de experimentação, uso de recursos acessíveis e formação continuada que integre aprofundamento musical e aproximação com outras artes.

Em síntese, ao promover experiências sistemáticas de música em diálogo com outras linguagens, o professor potencializa aprendizagens inclusivas e culturalmente relevantes, favorecendo projetos interdisciplinares adaptáveis a diferentes contextos e consolidando vivências musicais mais amplas e significativas.

Autora



Simone Marques Braga
ssmmbraga@uefs.br

Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), onde atua no Curso de Licenciatura em Música e coordena o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/UEFS). Também é responsável pelo Programa de Extensão Performa, através da ação Piano a 4 Artes. Doutora e Mestra em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), possui especializações em Regência Coral e Docência Superior (UNASP), em Artes (UNEB/IAT) e é licenciada em Educação Artística com habilitação em Música e bacharela em Piano pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM/CEU). Na UEFS, integra o corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e é professora colaboradora do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes/UFBA). É líder do Grupo de Pesquisa Estudos Contemporâneos em Música e tem experiência como professora da Educação Básica, em escolas públicas, privadas e especializadas em música.

http://lattes.cnpq.br/9255918788752985

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 ago. 2025.

_____. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 31 ago. 2025.

_____. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 31 ago. 2025.

_____. Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394/1996, referente ao ensino da arte. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13278.htm. Acesso em: 31 ago. 2025.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular.* Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 31 ago. 2025.

_____. Ministério da Justiça e Segurança Pública. *Classificação Indicativa — Consulta de Obras Audiovisuais*. 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1. Acesso em: 31 ago. 2025.

CHION, Michel. *A audiovisão: som e imagem no cinema*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Senac, 2011.

CIRCULARTE EDUCAÇÃO. Canal Circularte Educação. YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/@CircularteEduca%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 20 abr. 2022.

CONTOCANI, Alexandra. Documentando e avaliando: pontos a pensar para o ensino de Arte. *Nova Escola*, 2018. Disponível em: https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/133/documentando-e-avaliando-pontos-a-pensar-para-o-ensino-de-arte. Acesso em: 8 jan. 2024.

CORSARO, William. *Sociologia da infância*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DOMINGUES, Glauber Resende. *Que aprendizagens musicais promove o cinema?* In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. Anais […]. Natal: ABEM, 2015. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v1/papers/1061/public/1061-4412-1-PB.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

DW BRASIL. *Loving Vincent:* a animação sobre a vida de Van Gogh. YouTube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mXkL2Koyap4. Acesso em: 4 jan. 2024.

FARIA, Adélia Folly. Para pensar a educação musical no tempo presente: afinal, as Artes Integradas dizem respeito ao Ensino de Música? In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, Natal. Anais. Natal: Editora ABEM, 2021. p. 1-13.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GECOM MÚSICA. Mesa redonda — *O ensino de música na escola em diálogo com outras artes*. YouTube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wYmOqwhpLMc. Acesso em: 15 dez. 2022.

GECOM MÚSICA. Websérie Bemol Saltitante: um ratinho ao piano. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLEGfpW0fXrZAd0ifYqfzzrFJhCQoRS8AK. Acesso em: 10 ago. 2021.

GECOM MÚSICA. *Websérie Olhares Pedagógicos de Professores de Arte*. YouTube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/playlist?list=PLEGfpW0fXrZCpCbscpKU-FogOI26ak3-H. Acesso em: 4 dez. 2021.

GRUPONTAPÉ. Jogos Teatrais — *Jogos de Criação de Cena.* YouTube, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6r8vi70ZbhA. Acesso em: 4 jan. 2024.

JAQUES-DALCROZE, Émile. *Eurhythmics, art and education*. Tradução de Frederick Rothwell. London: Chatto & Windus, 1930.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. In: *Educação infantil:* muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2003.

LABAN, Rudolf. *Domínio do movimento*. São Paulo: Summus Editorial, 1978. Disponível em: https://books.google.pt/books?id=CrTUihSxx5IC&printsec=frontcover&hl=pt-PT#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 set. 2025.

MORANTT, Anna Alice. Os professores de Artes e o ensino da musicalidade. Revista da FUNDARTE, v. 28, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.19179/2319-0868.829. Acesso em: 22 set. 2025.

NETMOVIES. *Com Amor, Van Gogh*. YouTube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3tslxWf9t5w. Acesso em: 4 jan. 2024.

OLIVEIRA, Olga Alves de; PENNA, Maura. Impasses da política educacional para a música na escola — dilemas entre a polivalência e a formação específica. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 1-28, 2019.

ORFF, Carl; KEETMAN, Gunild. *Music for children.* Mainz: Schott, 1950-1954. 5 v.

PURE CINEMA. *Hitchcock e o Efeito Kulechov*. YouTube, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DU4pTb-Epj0. Acesso em: 4 jan. 2024.

ROMÁN, Alejandro. *El discurso de la música cinematográfica*: teoría y análisis. Madrid: Vision Libros, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (orgs.). *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação*. Porto: Asa, 2004. p. 9-34.

SCHAFER, R. Murray. *Patria and the theatre of confluence*. Indian River, ON: Arcana Editions, 1991.

_____. Patria: the complete cycle. Toronto: Coach House Books, 2002.

SILVA, Lucas Barbosa. Trilha sonora e sonoplastia: do cinema à aula de música. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2014. Anais [...]. Disponível em: http://www.abemeducacaomusical.com.br/anais_ernd/v1/papers/717/public/717-2642-1-PB.pdf. Acesso em: 22 set. 2025.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o Teatro*. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/656334856/Viola-Spolin-Improvisacao-Para-o-Teatro Acesso em: 14 set. 2025.

ULRICH, Ana Domingues; RHODEN, Silvia; SCHÖELLKOPF, Silvia. Dança, música, artes visuais e teatro: reflexões sobre as práticas pedagógicas em sala de aula e o professor propositor. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, n. 28, p. 92-100, 2014. Disponível em:

https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/155 Acesso em: 22 set. 2025.